



Gaiato

4560 PENAFIEL
TAXA PAGA

Quinzenário • 29 de Maio de 1993 • Ano L - N.º 1284 - Preço 30\$00 (IVA incluído)

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

CINQUENTA ANOS DEPOIS

A realidade consumada da nossa história

NÃO vamos tomar à letra o desabafo de Pai Américo, ao escutar a notícia da morte do Engenheiro Duarte Pacheco: «Eu tinha o Ministro e mais ninguém». Nem pensar que foi necessária a sua morte para descobrir que Deus é eterno. Mas foi providencial que esta porta se fechasse, ou apenas ficasse entre-aberta, para que a Obra assumisse com mais evidência o seu papel de testemunha de que Deus é Pai, a Sua Justiça imanente e os caminhos que levam à sua realização se aprendem no Evangelho e sintetizam-se no Caminho que Cristo Se fez para os homens.

A própria projecção da Obra da Rua tem agora o seu grande incremento, com certeza mercê da necessária mobilização do Povo, de quem Pai Américo principalmente se socorre na alternativa do Ministro-que desaparecera. «Se não tão fácil como seria», o projecto não parou e teve a valorizá-lo as migalhas de muitos que as repartiram do seu pão, tantas vezes escasso; e que, de tal fazer, se habituaram a fazê-lo até aos dias de hoje, sem queixas, sem cansaço como é próprio de quem corre por gosto, apaixonadamente — o que, no correr do

tempo, tornou possíveis muitos outros projectos que os males sociais foram inspirando.

Por este tempo, escreveu Pai Américo: «O Ministro cumpriu. Eu também. É chegada a vez do Porto».

E em jeito de prevenção: «Logo que os alçados estejam à vista, hei-de levantar no Porto a minha voz de pedinte — mas só então, que o nosso bom Povo, à força de ouvir discursos e escutar promessas, já não se fia no que a gente lhe diz. Estamos desacreditados por muito falar.

Se tens amigos no Porto, manda-lhes este recorte para que saibam. O Padre Américo tem de morrer e o nome dele ficar nos alicerces da Casa do Gaiato, escondido: se o grão de trigo ficar à vista não dá pão. Não é modéstia; é amor à Criança abandonada. É política... do Pai Nosso. Torna-se necessário que ele desapareça para que a Obra cresça. A Obra é do Porto: de todos e de cada um dos seus habitantes.»

Algum tempo depois, acrescentava: «Os obreiros do Evangelho sempre procuraram e amaram outros valores, pelo que são muitas vezes cognominados de *loucos*. Mas eu necessitava de dinheiro. Precisava de dinheiro, sim.» Por isso, «tenho pedido nas igrejas, nos teatros, nas ruas, nos cafés, nas praias, nos hotéis, nas casas particulares, e tenho recebido, sim, mas as somas dispendidas são astronómicas. O não prestar contas não quer dizer que não as faça ou que não as mostre; podes examinar. Eu preciso de rasgos e, sobretudo, de muita compreensão da parte dos homens que me podem auxiliar.»



Mini-empresas na Massaca — Moçambique



MOÇAMBIQUE

Criar nos rapazes a consciência do compromisso que assumimos

SÃO muitos, já, os nossos rapazes. Quase sessenta. Não temos tudo, a bem dizer muito pouco ainda, para eles. Mas têm-nos por inteiro a nós. Se mais fôssemos, seria na mesma medida. O nosso Carlos teve de ir descansar e não sabemos se terá coragem para se desgastar totalmente por eles. Que Deus o ilumine e dê forças.

Uma e duas vezes por dia se faz uma análise, para a comunidade, à vida da Casa e, muitas vezes, à de alguns e até à nossa própria vida ao serviço de todos, para que nada lhes falte no presente e no futuro. É urgente criar nos rapazes a consciência do compromisso que assumimos para poder exigir deles também consigo próprios. Já não digo com a comunidade que somos. Graças a Deus vão cumprindo as suas tarefas, embora nem todos e nem sempre pelo melhor.

Há uma dificuldade passageira na compreensão do alcance das nossas palavras, mas tantas vezes damos ao mesmo assunto, que, a seu tempo, cada um há-de compreender.

Momento alto da nossa vida diária

É sobretudo ao fim do dia, na oração da tarde, depois do banho e roupa lavada, na varanda da Casa. É o momento alto da nossa vida diária. O Senhor Se torne presente e a Sua

Calvário

Voluntariado

TEM a sua vida organizada, mas sobejalhe tempo e quer preenchê-lo utilmente. — *Sabe, tenho os fins-de-semana livres. Neles sinto o vazio da vida. Precisava de vir aqui ajudar.*

Gostei deste *precisava* e disse logo que sim.

O Voluntariado está hoje na moda. Os hospitais começam todos a usufruir deste benefício. Ter alguém que dê a mão, que conforte, que seja amigo, nas horas em que os amigos fogem, é um bem que bem sabe quando o infortúnio bate à porta, quando a doença surge e atormenta.

Mas, este bem converter-se-á em óptimo quando aquele que quer dar for pedinte. «Eu precisava de vir aqui.» Precisar significa também exactidão. Pois o precisar de dar a mão a um doente é, na verdade, *caminhado* exacto para o ajudar. Evangelicamente assim é que é correcto. Também o Filho do Homem precisou dos homens, sobretudo dos Pobres, para que estes fossem os mensageiros da Boa Nova. E continua a necessitar da cruz que hoje os Pobres carregam para continuar a redimir o Mundo.

Eu sei que nem todos nos entendem e a razão é simples: a nossa linguagem anda em tom diferente daquela que se fala por aí nas ruas. A nossa linguagem não: a do Evangelho. Quando nele se proclama que perder a vida é ganhá-la, ouve-se algo de esquisito, oposto mesmo ao pensar moderno dos homens que para ganhar a vida andam numa azáfama terrível. Quando nele se vê Cristo a precisar de gente simples e modesta, sem letras nem predicados, para a gigantesca tarefa de levar a Boa Nova até aos confins da terra, fica-se perplexo.

É certamente por esta razão que o nosso apelo à dádiva de alguém para o serviço dos doentes sem cura não é entendido. Pois repetimos a quem vem aqui dar e espreitar: — Se não precisar destes doentes, não tem lugar junto deles.

No trabalho do Reino só os Pobres, os Carentes, os Humildes rendem.

— *Ai, mas eu tenho isto mais aquilo para dar. Adquiri experiência. Concluí o curso. Por isso, posso ser muito útil.*

Continua na página 4

Continua na página 4

Continua na página 3

Conferência de Paço de Sousa

VIÚVAS — Ela ficou com três filhos nos braços. Miséria. A cruz da viuvez.

Aliviámos a *via-sacra* — até os filhos crescerem. Mas não esteve só pendente do contributo dos nossos leitores: Ainda jovem, mexeu-se; procurou trabalho para casa — confecção de roupinha de bebé, escolha de farrapos, criação de suínos, etc. Fez pela vida — como diz o povo.

Criou os meninos: «*O mais velho já vai trabalhar nas estradas*». Suavizou a cruz. Integrou-se no meio. Tem uma vida digna. É feliz, «*graças à Senhora*».

Porém, a crise económica, no sector em que labora artesanalmente, diminui, agora, o orçamento doméstico do agregado: «*Estamos em crise! Menos trabalho. Menos ganhos. Mas a gente vai tentando...*»

A sua expressiva afirmação, o verbo que aplica na circunstância — muito usado na região — é cheio de verdade! «*A gente vai tentando*». Tentar é calcular ou dirigir as coisas, a vida, com tento, tino, atenção — equilíbrio.

Obviamente, repetimos, esta viúva superou a marginalidade a que são votadas — ainda hoje! — as mais pobres, que mereceram prioritário cuidado dos primeiros cristãos.

Quem padece ou padeceu a cruz — ou da cruz — da viuvez, por ser pobre, avalia melhor o problema...

Numa sociedade ou País dito cristão, é triste muitas viúvas terem que sofrer martírios escondidos (algumas *descambam* por isso mesmo...) para criar a sua geração, pois a diminuta *pensão de sobrevivência* é um *escândalo* — relativamente à fraternidade dos primeiros cristãos, há dois mil anos!

PARTILHA — Cheque da assinante 31254, de Fiães (Lourosa), «*sendo seis mil escudos da mensalidade de Maio e o restante para a Conferência do Santíssimo Nome de Jesus ajudar na compra de remédios a um reformado. Uma ajuda pequenina, mas leva muito amor. Agradeço o anonimato*». Citação curiosa de Raoul Folleau, no topo da missiva: «*Para as vossas Primaveras, existir é agir!*»

Outro óbulo, da assinante 9708, com várias intenções — despachadas como deseja.

Assinante 31940, de algures: «*Cristo não tem meios, tem apenas os nossos meios para fazer que todos vivam como irmãos...*», assim principia a missiva. E continua: «*Pequena migalha, duma mãe e filha (também mãe), para os "estropiados" — um da "terceira idade" (idade de ouro), outro mortificado com a morosidade da Justiça. Peçam pelas nossas meninas (14 e 18), ambas em idades difíceis*». É assim a Maternidade consciente e responsável!

Pela mão dum filho, «*Avó de Sintra*» manda a contribuição habitual e mais 300\$00 de pessoa amiga. Outra presença assídua: Assinante 42971, de Ovar, com cinco mil destinados «*aos Pobres mais necessitados e, em geral, mais envergonhados, por uma intenção minha que Jesus sabe e Nossa Senhora também*».

Recebemos mais uma visita do assinante 20909, de Leça da Palmeira — sempre com um sorriso de Paz! — que deixou vinte mil para os nossos Pobres, acrescidos de mais dois duma senhora.

Pelas CASAS DO GAIATO

A «*Avó dos cinco netinhos*», de Setúbal, pede desculpa «*por enviar o cheque relativo a Abril só hoje (perdão!) que é para a Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, de Paço de Sousa*». Delicadeza cristã!

Uma excursão de Bom Sucesso — Aradas, terras d' Aveiro, vem até nós, expressamente, todos os anos, e deixou 6.905\$00 para os nossos Pobres. Um grupo que respira amor e fraternidade!

Por fim, a «*partilha de Março/Abril*», e para outras intenções, de «*uma Assinante de Paço de Arcos*» — com as habituais «*saudações amigas*».

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

TOJAL

CHUVA — Tanta queixa pela falta de chuva! Ela aí está. Com tantos jardins para regar e tanta coisa semeada, prevíamos mais um Verão seco.

Quem ganhou, foi o nosso batatal. Pelo aspecto, promete uma boa colheita. As favas e ervilhas, também. Depois do jantar há uma boa diversão: descascá-las. Ninguém gosta de fazer esse trabalho. Mas, no prato, os que dizem que não gostam nem sabem o que perdem...

GADO — A vacaria tem tido mais sorte que as pocilgas! Os porcos continuam em greve e não há leitões para ninguém. No mês passado nasceram dois vitelos: um macho e uma fêmea. As patas também não ficaram atrás, com uma linda ninhada de patos.

Luís Miguel Fontes

PAÇO DE SOUSA

GRUPO MUSICAL — Está formado, há cerca de 3 anos.

Já foi convidado, duas vezes, para festas em prol do novo quartel dos Bombeiros Voluntários de Paço de Sousa.

No entanto, a aparelhagem sonora deu o que tinha a dar... Não tem mais conserto. Precisamos de mesas de som, microfones e instrumentos musicais: guitarras, violas-baixo, bateria, órgãos, etc.

Quem dera nos ajudem! Em nome do grupo musical, antecipados agradecimentos.

OFERTAS — Têm oferecido muitas coisas! Há pouco tempo, *Corn Flakes*, estrelinhas, *Chocapic*, Nestum, etc. E, também, bananas. Obrigado.

VISITAS — Um pequeno grupo, da Casa do Gaiato de Miranda do Corvo, veio até nós. Almoçaram, no nosso refeitório, uma refeição melho-

rada. Visitaram as oficinas e brincaram no mini-parque.

ANIVERSÁRIO — No dia 31 de Maio celebramos o 50.º aniversário desta Casa do Gaiato, de Paço de Sousa. Será uma festa simples, mas rica de significado — à moda de Pai Américo. Meio século de vida!

SILAGEM — O Meno anda muito ocupado com a silagem. Tem sido uma grande azáfama! A erva é para alimento do gado, especialmente para as vacas que dão o leite que a gente consome todos os dias.

VIDA MILITAR — O Lupricínio, ex-chefe maior, terminou o serviço militar. O «*Juiz*» é fuzileiro. O «*Gordinho*» (Rogério da Conceição Piçarra) seguirá no fim do mês.

Em 30 de Março foram quatro rapazes à inspecção. Só um ficou apto: o Tózinho. Esperamos que goste da Marinha.

«*Vitinho*»

MIRANDA DO CORVO

AGRICULTURA — Agora a nossa ocupação agrícola é a batata. Estamos a cortar erva e a sachá-la. Um trabalho prolongado porque as condições climáticas não são propícias. Não nos podemos esquecer que a batata produzida, em nossa quinta, é imprescindível nas refeições.

Chegou a nossa Casa, há uma semana, uma cisterna que se adapta ao tractor e funciona como instrumento de rega. Terá bastante utilidade, depois de fazermos umas obras — já projectadas.

OBRAS — Continuam as da casa-mãe. Depois do sótão, agora é o soalho. Os nossos carpinteiros andam a carregar e a pregar tábuas. Ainda faltam muitos acabamentos! Mas, o que está feito, tem bom gosto, está bonito.

OFERTAS — Agradecemos as ofertas de muitas pessoas, nomeadamente dos estudantes da Universidade de Coimbra. Todos os anos, quando realizamos o Rally da Queima das Fitas, passam por nossa Casa e deixam os seus donativos. Obrigado.

António Maria

Notícias de Moçambique

CARLOS RODA — Estamos tristes porque o tio Carlos vai embora, mas se Deus quiser voltará brevemente. Aproveitamos o mês de Maio — mês de

Nossa Senhora — para rezar por ele. Nunca esqueceremos tudo o que nos ensinou.

ESCOLA — A nossa turma terminou bem. Começámos a 3.ª classe em Janeiro. Éramos apenas doze. Estudámos muito e agora vamos para a 4.ª classe. Que pena o Ivo e o Chiquinho terem ficado na 3.ª!

SAÚDE — Temos tido muitos problemas com a saúde! Graças a Deus, agora chega o tempo frio e os mosquitos desaparecem.

TRABALHO — Às vezes, é difícil trabalhar... Os nossos amigos Marcos e Alfredo andam à procura de quem inventou a história do trabalho!

BOAS-VINDAS — Aos nossos amigos: Calisto que dormia no passeio; Luís que esteve um ano à espera de vir; Felisberto que estava a ser espancado e visto por um dos nossos; e Sabino que resolveu vir sozinho na esperança de encontrar um lugar.

FUGAS — O Joãozinho mecânico (12 anos), o Jaimito machameiro (13 anos) e o Paulo serralheiro (12 anos) resolveram voltar à rua. Não foram capazes de deixar a vida de malandrices! Acharmos que, brevemente, estarão de volta.

BATUQUE — Todos os dias há batuque à nossa volta. O curandeiro, o feiticeiro ou

um grupinho a beber animam as noites. Três colegas não resistiram ao barulho. Pularam a cerca e foram dançar a Macuaela. Vamos descobrir os espertos!

Alunos da 4.ª classe

Associação de Antigos Gaiatos e Familiares do Centro

ENCONTRO A 4 DE JULHO — Nas suas reuniões periódicas, a Associação resolveu programar algumas actividades para estimular a amizade entre os antigos gaiatos e familiares. Com esse objectivo, no dia 25 de Abril realizámos um passeio-convívio a Paço de Sousa e ao Calvário (Beire), aproveitando a oportunidade para abraçar os nossos Padres Horácio, Carlos e Baptista.

Como se aproxima o nosso Encontro, vimos convidar todos. Será no dia 4 de Julho, em Miranda do Corvo.

É sempre um dia de alegria e emoção, pois estreitamos a nossa amizade e o grande apreço e amor à Obra da Rua.

PROGRAMA — 10h, acolhimento; 10h 30, Assembleia Geral; 11h 30, Eucaristia; 13h, almoço; 15h, jogos tradicionais e concurso «*avental de chita*» (para todas as gaiatas); 17h, sardinhada (traz bolos).

A tua presença alegrará o convívio. Um forte abraço da Direcção

FESTAS

• SETÚBAL

29 de Maio, 21,30 h — Sociedade Filarmónica Oper. Amorense — AMORA

4 de Junho, 21,30 h — Salão Paroquial de S. José — COIMBRA

5 de Junho, 21,30 h — Sociedade das CABANAS

6 de Junho, 21,30 h — Igreja Nova — COSTA DA CAPARICA

11 de Junho, 21,30 h — Fórum Luísa Todi — SETÚBAL

12 de Junho, 21,30 h — Teatro Aveirense — AVEIRO

19 de Junho, 21,30 h — Teatro Gil Vicente — CASCAIS

25 de Junho, 21,30 h — Cine-Teatro José Lúcio da Silva — LEIRIA

26 de Junho, 21,30 h Cine-Teatro João da Mota — SESIMBRA

COM as nossas Festas iremos ajudar os nossos irmãos de Coimbra. É a paga do que nos fizeram, há anos, quando não realizámos Festa. Por eles iremos pôr diante do coração dos conimbricenses o brilho duma Casa do Gaiato. A Obra da Rua é a mesma e os rapazes também. Todos vieram da rua. Mas a ida a Coimbra é para nós muito grata, pois os alicerces desta Casa vieram todos da Igreja de Coimbra. Continua a ser uma comunhão de Igreja no serviço dos Pobres. A Igreja de Setúbal nunca deu ninguém que se *enterrassem* como «*pedra viva*» para servir, nesta Obra. É com desgosto que o revelamos e com verdadeiro sentido de culpa da nossa parte.

A ida a Coimbra, à Igreja que nos gerou na fé e no sacerdócio, na fé e no amor a várias senhoras que deram e continuam a dar

a sua maternidade, heróica e escondida, é profundamente agradável.

Um gozo parecido com o dos pais quando agarram nos filhos e os mostram pela primeira vez às avós. Sim, a Igreja de Coimbra é a nossa Igreja-Mãe.

O Padre Horácio e o Padre João vieram aqui convidar-nos para representarmos os seus filhos. Vamos com muita alegria. Será no Salão Paroquial de S. José, a quatro de Junho, às 21,30 h, uma sexta-feira.

Novidade, também, é a nossa presença em Leiria. Foram os Leirienses que expressaram o desejo de fruirmos a alegria do nosso espectáculo. Tenho a certeza que darão por bem empregue todo o seu esforço. Os rapazes irão encher-lhes a alma. O Cine-Teatro José Lúcio da Silva será *catedral* — nessa noite de 25 de Junho.

Padre Acílio

• LISBOA

30 de Maio, 15,30 horas — Salão dos Bombeiros de TORRES VEDRAS

6 de Junho, 15,30 horas — Cinema São José — SACAVÉM

AS Festas continuam, após muito trabalho nos ensaios. Dá gosto vê-las! Fomos à Capital. Data um pouco má: procissão de Nossa Senhora da Saúde. Mas, apesar disso, tivemos a casa cheia. Em todos os lados não nos deixaram ficar mal. Fomos acolhidos com muito carinho.

Era um dia especial para a Capital. A procissão leva sempre muita gente. Estávamos com medo de não encher a sala. Porém, repetimos, no momento do espectáculo estava a plateia repleta! Nesse instante verificámos como a Obra da Rua é acarinhada por tanta gente. Esperamos continuar assim, até ao fim — se Deus quiser.

Luís Miguel Fontes

Património dos Pobres

Promoção da Família

Parei na estrada para ruminar e escrever. Junto estão duas casas do Património dos Pobres e no quintal de uma delas anda uma velhinha a cuidar dele — que é um mimo!

Venho de visitar mais uma vez as obras do edifício para promoção daquela família. Venho muito contente. As obras estão no fim e o lar fica acolhedor: cozinha, sala, dois quartos, casa de banho e instalação eléctrica. Hoje encontrei as camas arrumadas e a cozinha limpa. Foi a primeira vez!

Há dias, estivemos a falar àquela mãe de cinco filhos. Têm vivido sempre todos no mesmo quarto. Ela tem pouca capacidade de governo e arrumos. É mãe e tem amor aos filhos. Tem direito aos nossos conselhos e à nossa ajuda.

A casa remodelada há-de ajudar a promover esta família. O pai, agora, anda a trabalhar. Os filhos em idade escolar vão à escola. A mãe há-de limpar a moradia e lavar a loiça. As roupas de todos há-de ficar

mais bem lavadas. O Património dos Pobres tem ajudado muitas famílias a promover-se. É um movimento de fé e esperança.

Currais de animais

«Hoje, quando tomava o pequeno-almoço para começar mais um dia de trabalho, passei os olhos pelo jornal e, com um pouco mais de calma, chamou-me a atenção um subtítulo do Património dos Pobres: "currais de animais". Não sou abastado, mas penso que poderia dar uma ajudinha nas carpintarias dessa casa, fora das horas de expediente, uma vez que tenho uma pequena carpintaria. Fico aguardando a sua resposta.

Como disse Jesus Cristo 'que a tua esquerda não saiba o que faz a tua direita', gostaria que tudo isto ficasse no anonimato.»

Esta mensagem por fax encantou-me e deu-me muita força. Nós somos todos uma família mas, por vezes, andamos à deriva e de costas viradas. Estamos todos sujeitos a

fracassos e a desânimos. Muitos caem na tentação do «cada um que se governe».

Este leitor cristão e anónimo, «fora das horas de expediente», quer ajudar a construir a casa para aquela família de pais e nove filhinhos a viver num antigo curral, a meias com três leitões. Parece não ser abastado de bens materiais, mas quer estar atento à Boa Nova de Jesus Cristo.

Vamos construir uma moradia para esta família. Os alicerces já estão prontos.

Mais casas

É uma carta do Padre Francisco: «Estou a ouvir o Pai Américo. Dei com a tua carta no sábado, dia de S. José Operário. Antes da Missa vespertina chamei os dois mais responsáveis. Queria que agradecessem comigo.

Foi um alívio! Que o Pai Celeste retribua cem por um. Que Pai Américo diga: — Fizeste bem rapaz!»

Trata-se de uma ajuda que o Património dos Pobres deu àquele povo dos arredores de Coimbra.

De um pároco da diocese do Porto: «Venho pedir uma ajuda para uma família nova que fez casa que já habita, embora esteja por acabar. Têm dívidas e querem acabá-la e vêm pedir a caridade duma ajuda». Respondemos com um cheque de duzentos contos.

Esta é da diocese de Bragança: «O andar está coberto e levantadas as divisões interiores em tijolo. Falta todo o serviço de trolha, de esquadria, de picheleiro e de electricista». Vamos dar-lhe uma ajuda.

Agora é mais uma, de Aveiro: «A nossa Conferência tem mais duas casas em fase de acabamento. As ajudas não têm chegado para as necessidades. Tomamos a liberdade de vos bater à porta. Embora pobres, ficamos a aguardar a vossa ajuda. O Senhor está sempre presente nos corações dos homens».

Nós acreditamos na presença do Senhor em todos os corações pobres que n'Ele confiam.

Padre Horácio

Tribuna de Coimbra

Todos os dias esta desobriga linda e santa se mantém!

DE Castelo Branco, já se têm queixado por causa das meias que desde o Natal têm calçado os rapazes. Foram muitas as casas do estilo que as puseram no cabaz, carinhosamente. Outrotanto pudesse eu dizer sobre sapatos... A bola, cá em Casa, é rainha e vai dando conta dos que ainda chegam com sola e saltos úteis. Estamos mal! Pois, pelas meias, ainda, o meu bem-haja às lojas albicastrenses. Os sapatos também são desejados. Eu vou com frequência a Coimbra e passo nos lugares do costume. É lá que os procuro.

Nesta maré de agradecimentos, a Escola Preparatória de Pombal: Foram três visitas bem preparadas e os miúdos motivados. Sabiam para onde vinham; já tinham feito preparação na Escola, debatendo o diaporama sobre Pai Américo. Muitas perguntas a revelar igual interesse... No fim, a partilha dos farnéis com os nossos rapazes.

Agora, um rol de «desobriga» a dar que falar da alegria pascal. Uma velha amiga, do Fundão, com 50 contos e palavras de muito apreço; um refrão lindo que costuma cantar com o coração. A renúncia quaresmal dum seminarista: 10 950\$00. Merece registo. A visita dos Terceiros Franciscanos, de Tomar, com uma carrada de assinaturas do jornal e a saudade dos distribuidores d'O GAIATO. Outros tempos e dificuldades acrescidas. Na Eucaristia, em cima do altar, por tudo, 150 contos. Passei na loja do Fernandito e na Casa Castelo. Era um molho de envelopes que misturei nos bolsos. Só dei conta da soma: 102 contos. De Coimbra, uma «desobriga» com 200 contos de «reparação». Na Igreja de Santa Cruz, o sr. Prior tinha um envelope com um cheque dentro: 6.657\$00.

Digo, daqui, às senhoras A. e T. MF., que já recebi os tais 250 contos que alguém deixou à boa conta de nos ser entregue... Bem-hajam.

Pelo distribuidor d'O GAIATO, em Anadia, vieram 20 mil. Dez, da venda de uma bicicleta que fazia lembrar alguém muito querido já na Eternidade. As amêndoas, da Maria do Céu, foram levantadas e consumidas pelos queridos destinatários. Na Ulteira, em Miranda do Corvo, depois da minha prelecção, um sobrescrito, da Lousã, com mil escudos. Graças! No parque Zoológico da Maia, os nossos, da Escola Primária, viram o espectáculo das focas, gratuitamente, porque alguém, fervorosamente, deu conta da nossa presença à Junta de Freguesia. Gratidão!

De Figueiró dos Vinhos, uma carrada de mercearia (carne, queijo, manteiga, doces, presunto, óleos e azeite) a cumprir a promessa de alguém que partiu para o Além — apoiada na intercessão dos Pobres. Na Queima das Fitas, em Coimbra, a gente nova não esqueceu da Casa do Gaiato, e, no Lar, deixaram 4.200\$00 em cheques e muitos quilos de arroz e açúcar.

Mais uma mão cheia de alguém a quem eu corrigi o «toma lá que é para ti» — oferecido ao cicerone que a acompanhava. De quantos mais não me teria esquecido!? Todos os dias esta desobriga linda e santa se mantém! É como água na fonte. «Donde vem para tanto?...» — pergunta o sr. Juiz, perplexo. A nascente vem do Céu, passa por muitos corações... e chega a nós tão forte! Tem a resposta sr. Juiz!

Padre João

Continuação da página 1

palavra se faz Vida para eles. «Eu vim para que todos tenham Vida.» Nunca me senti tão concretamente um instrumento desta Verdade, como aqui e agora.

Eles são um terreno virgem para a primeira semente. Não um terreno qualquer. Pisado como um caminho, cheio de pedras como rio seco, de espinhos e ervas daninhas como uma mata. Que receberam na rua até hoje? Se há um cantinho de terra boa é preciso espreitar as pragas de insectos.

Há dias, fizemos um canteiro de papaeiras. Nasceram bonitas e dois dias depois só ficou o caule. Eram tantos os insectos na terra que as comeram. Hoje não há nada ali.

Com alguns rapazes tem acontecido o mesmo. Há um ano ou largos meses connosco, voltaram à rua. Não querem mais esta vida. O mal tomou conta do seu espírito e não vingou a semente que desabrochava. Só Deus sabe o seu amanhã, mas em nós fica o amargo da rejeição. Outros vão caminhando.

O Povo perdeu o sentido da dignidade

Está custando a despontar o sentido da responsabilidade e da iniciativa. Mas que admira se todo o povo perdeu o sentido da dignidade, apersonalidade foi reduzida a uma filosofia inviável e a pessoa humana estiolou?! Que campo maravilhoso o Senhor nos deu para arrotar! Desde as primeiras luzes da Fé até aos primeiros passos de equilíbrio para o mundo novo de que há-de ser os obreiros, nos cabe em tarefa, mas sem descanso. Amanhã, dez rapazes ini-

Moçambique

ciam a 4ª classe. Há dias, o Director Escolar do Distrito visitou a Escola e em cada turma fez perguntas. Quis inteirar-se com minúcia do andamento de cada um. E foi dizendo, no final, que eles podiam estar dois anos à frente, no ensino oficial. A avaliação não é nossa. Vem de quem, por dever, anda

pelos Escolas do seu Distrito. Por isso nos deixou satisfeitos. Não que eles estejam adiantados realmente. É a idade que diz. Uns têm doze, outros dezasseis anos. Estão, sim, muito atrasados.

Como havemos de ter a nossa Casa de Rapazes e pelos Rapazes estruturada,

se o nível da instrução não ajuda? Como há-de sentir-se gente se não sabem nada, eles que só conheciam a rua?

Dá para pensar um pouco como há-de Moçambique levantar-se, após tantos anos de guerra e miséria...!

Padre José Maria



Aniversários — feliz hino à vida!

Creio que acontece com todas as crianças. Esperam ansiosamente o dia do seu aniversário. Depois vivem esse dia como que encantadas, comunicando alegres a todos os que encontram: «Hoje faço anos». Também em nossas Casas o dia é esperado. Com antecedência, recebo o feliz anúncio: «Já só faltam tantos dias». Os mais pequeninos mostram com os deditos das mãos os dias que ainda têm que esperar.

O Lúcio Flávio anda, há mês e meio, a fazer a contagem. O Carlinhos anunciou a toda gente e, durante o dia, teve mais de dez vezes os parabéns cantados. O do «Pingo Doce» coincidiu com uma das nossas Festas. Aí lhe cantámos os parabéns. Curiosa foi, a seguir, a sua pequena ansiedade: «Os de aqui não tiram os parabéns de Casa, pois não?» A preocupação dele era se tinha ou não direito ao bolo e às respectivas velas. Tranquilizei-o e lá foi dizer aos outros: «Em Casa tenho mais». O Mota passou o aniversário no hospital. A tentação dos ninhos e o aparecimento não esperado do chefe obrigam a uma aterragem forçada através dos troncos duma árvore. Resultado: um braço partido e um bom golpe na cabeça. Com um grupo dos da sua idade fomos até ao hospital já à tardinha que o dia tinha sido bem cheio: levámos o bolo e cantámos os parabéns. A sra. enfer-

meira contou que ele, durante a tarde, não saíra do corredor à espera daquilo que lhe parecia estar a tardar.

Os cuidados de Mãe...

Gosto destas manifestações nos nossos rapazes! São um feliz hino à vida. Uma alegre canção de esperança nos dias que correm e que não-de vir. Quem assim deseja viver o seu aniversário é porque deseja a vida. Deus seja louvado pelas suas vidas a desabrochar.

Nestes dias celebrámos um outro aniversário que, normalmente, passa em silêncio. A D. Helena fez 70 anos. Há mais de trinta que a sua vida se encheu com as de sucessivas levas de rapazes que vão passando por nossa Casa. Todos se encontraram com ela na cozinha ou nas limpezas, na rouparia, na enfermaria ou na discreta procura dum carinho, dum olhar, duma palavra, dum sorriso, dum perdão, duma ajuda ou duma explicação como se deve fazer isto ou aquilo. Hoje continua a estar no seu lugar. Talvez merecesse uma reforma e uma vida mais tranquila. Por vezes desabafa que já não tem paciência, que se enerva, que lhe faltam as forças para ter as coisas como deve ser. Diz que procura rezar mais por cada um deles, já que não pode fisicamente tanto. São os cuidados de Mãe que continuam a doer-lhe no coração. Já disse que seria melhor ir para um lar. Creio que está melhor entre os seus. Com certo desalento comenta: «Não haverá ninguém que se interesse por estes pequeninos?! Deus tem que dar uma solução».

O Adérito, já há muito fora de nossa Casa, com a vida familiar organizada e os seus saberes confirmados na área da electrónica, veio até nós para ajudar a modular o som das nossas Festas. Convidei-o para almoçar connosco. Já à volta da mesa para se sentar, afirma: «Mas eu ainda não fui ver a D. Helena!» Partiu e voltou muito tempo depois. Foi em busca daquela que o ajudou a ser homem. Gostei muito deste gesto de carinho.

Damos graças a Deus pela vida de D. Helena. Que Ele a continue a ajudar. Fazemos também uma prece a Deus, o Único que fala aos corações: — Que o seu lugar não fique vazio no coração dos nossos meninos.

Padre Manuel Cristóvão



«As grandes realizações do mundo que assombram e desorientam os homens de contas têm a sua base... no Evangelho.»

Cinquenta anos depois

Continuação da página 1

...«Para dizer num instante toda a verdade, nós temos necessidade de tudo quanto vai da letra A ao Z, mas não se conta que tu dê tudo, não senhor. Os mais também hão-de dar. Esta Obra é de todos os portugueses.»

Contudo, «falando das finanças da Obra, tenho a informar que ninguém deve nada ao seu principal orientador e fundador. É sermão que ninguém encomendou. São passos de um apaixonado.

O êxito da Obra está absolutamente assegurado pela verdade que se encontra dentro dela e sinceridade com que se realiza. O sacrifício, a pobreza, o desprendimento são os triunfos dos obreiros do Evangelho, com os quais, em todos

os tempos, ganharam maravilhosos partidos. É da História!

A par deles, tem sempre havido alguém que forneça a parte material, homens bons que têm em seu poder, ou nas suas algibeiras, dinheiro necessário para as obras, como o peixe do Evangelho tinha guardado no ventre o do imposto a César.»

Cinquenta anos depois, todo o sabor profético destas palavras aí está em *essência* — a realidade consumada da nossa história.

Pai Américo acreditou no Evangelho. A sua paixão foi creditá-lo.

Padre Carlos

Via-Sacra

Foi há tantos anos, mas nós lembramos, revivendo, aquele caminho:

«Ele se fez Deus... Salvé ó rei! Salva-te a ti mesmo e desce da cruz. Os açoites, os espinhos e a cruz...» Caminho longo que a Ressurreição iluminou!

Sem termô, porém... Continua a agonia dolorosa dos filhos de Deus que, por sobre os espinhos, repetem em cada hora a Via-Sacra do Senhor.

Não é assim, velho Bartolomeu? Ele foi à sua lavra na esperança de levar para os filhos, com fome, a mandioca que tinha plantado e tratado. Encontrou um grupo de soldados vendendo tudo ao povo!

«Não está aí o dono da lavra, que o queremos fuzilar?!» Cheio de medo, o velho Bartolomeu sumiu-se no capim e fugiu.

Sexta-feira Santa

Às 15h fizemos a nossa Via-Sacra. Isto é, recordámos a deles: Catorze cruzinhas de pau seguras por tijolos no chão duro, de volta da Capela, a marcarem cada ponto de dores.

MALANJE

O sol entre núvens e um silêncio...

Lembrámos aquela esposa e mãe que morreu na mina; aquela criança que sua mãe, atingida por balas, deixou debaixo dum arbusto; os que, de trouxas à cabeça, procuram um abrigo na cidade..., peregrinos sem lugar; o rapazinho de dezasseis anos — mas já soldado! — que transportámos da morgue para sua casa. A família chorando e gritando por detrás do carro... À mãe, a meu lado: «Ai, oé! André maluco! Não voltas ao rio... Quiseste farda... E lá vais ter com teus irmãos, meu André maluco... Já não tenho choro nem gritos... Meu peito está seco».

Agonia do Senhor que nós continuamos no tempo e no espaço, na alma e no corpo.

Páscoa

O Senhor está vivo e no meio de nós!

Não O vês? Não O sentes? Se não, somente porque as mil coisas mesquinhas da vida taparam teus olhos e embotaram a tua sensibilidade. Ou, arrastado para longe de Deus por falsos conceitos, foste perdendo a tua fé. Hoje, para tantos, talvez para ti?, o Senhor é um mito, um afastado — quase desconhecido.

Ainda és capaz de ir às procissões; de baptizar os filhos, como quem arrasta uma corrente; de ires à Missa do Natal, levado pela tua infância.

Acorda! Já pediste a Deus, alguma vez, o dom da fé? Maravilhoso, sabes?! Com uma fé do tamanho duma sementinha, e em nome de Jesus, podes dizer ao paráltico: «Levanta-te e anda!» Ao cego: «Vê!» Ao surdo: «Ouve!»

O Senhor continua vivo! Está presente! Ouve e atende! Ele pode curar-te. Pode, sobretudo, converter-te ao Seu amor, se tu quiseres e deixares. É tempo. É este o teu tempo.

Padre Telmo

DOCTRINA



...sem jamais se cansar nem se repetir...

RETIROU, hoje mesmo, da Casa do Gaiato o derradeiro grupo de estagiários. Eles frescos e alegres; nós alegres e cansados. Todos cumprimos o nosso dever nas longas semanas que as Colónias de Campo duraram; os rapazes saltando regos e valeiros, tomando banhos no rio, rilhando aos quatro quartéis, ocupados no jogo da malha, da «negra», dos «pólicas e ladrões». Irrequietos, turbulentos, extremamente zaragateiros, grandes discutidores, conservaram o banco da Colónia em serviço permanente, com cabeças rachadas e narizes em sangue por causa das rixas. A jogar aos comboios em cima do muro da quinta, um malha dele abaixo e parte uma perna. Enquanto geme, prostrado no chão, logo outros sobem ao mesmo lugar em riscos do mesmo perigo. Assim cumpriram eles o seu dever, brincando; e nós o nosso dever, aturando-os.

DEIXO aqui toda a minha gratidão aos rapazes de Coimbra (estudantes, mecânicos, empregados do comércio), obreiros humildes do Evangelho que quiseram sacrificar o tempo das suas férias para que os garotos da rua as tivessem com muito aproveitamento. Outrossim quero deixar nas regras de hoje o meu reconhecimento à Câmara Municipal de Miranda do Corvo, a quem tinha pedido para os gaiatos acesso livre e gratuito à praia fluvial da vila, sendo-me inteiramente concedido.

NÃO se arruma a casa até ao próximo ano, como era costume fazer as mais vezes, porquanto a Casa do Gaiato, lar das Colónias de Campo, fica de pé todo o ano, habitada por um número de rapazes compatível com as esmolos de corações que sentem e que compreendem. Ficam dez deles na Casa, mas eu tenho vinte camas feitas e desejaria infinitamente vê-las todas ocupadas.

A gente vive com muito pouquinho, que os rapazes auxiliam a vida da Casa com o tributo do seu trabalho e colhemos coisas na quinta; mas esse pouquinho tem de ser um acto de fé da minha parte e um acto de caridade da tua.

AS grandes realizações do mundo que assombram e desorientam os homens de contas e do papel selado, têm a sua base nas forças espirituais e o seu segredo no Evangelho escondido na Palavra do Mestre: «Procura em tudo o Reino de Deus e o mais está assegurado».

P. Amín. 5!

(Do livro *Pão dos Pobres* — 2.º vol.)

Calvário

Continuação da página 1

É verdade, mas falta uma coisa: colocar tudo em segundo plano e os Pobres em primeiro.

Aquele que se situa na condição de pedinte, quando pede recebe, enriquece-se. Pelo contrário, aquele que se coloca na posição de quem dá, de quem possui para dar, naturalmente que se empobrece, fica sem o que tinha ou não ganha porque só se presta a dar.

Por isso, quando nós dizemos que é preciso necessitar destes doentes, é porque desejamos que aquele que vem se enriqueça com o que recebe de gratidão e amizade, de comunhão com os outros.

Deus quis precisar dos homens para aperfeiçoar o mundo, para realizar o Seu Reino. Pedagogicamente agiu e age para que os homens O imitem.

O Voluntariado ganha certamente nova dimensão com este modo de pensar e agir.

Padre Baptista



Director: Padre Carlos — Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Adm., fotocomp. e imp.: Casa do Gaiato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel
Tel. (056) 752285 - FAX 753799 - Cont. 500788998 - Reg. D. G. C. S. 100398 - Depósito Legal 1239